



Megaeventos: Um Estudo Preliminar Sobre as Representações Midiáticas da Violência no Carnaval e Reveillon do Rio de Janeiro.

Fernanda Muniz Silva – Estudante de Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Érika Souza Gonzaga - Estudante de Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rodrigo Karl Fernandes – Estudante de Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Miguel de Oliveira Nunes – Estudante de Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ricardo Ferreira Freitas – Docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Através das investigações sobre os diferentes tipos de representações sociais construídos pela mídia, nosso trabalho tem por objetivo demonstrar a mudança do discurso midiático sobre a violência urbana pelos megaeventos, carnaval e reveillon, construindo um novo cenário de paz e felicidade para a cidade. Dessa forma, detectamos os novos discursos utilizados pelos jornais O Globo e o Jornal do Brasil quando se há megaeventos na cidade. A mídia tem sido muito mais generosa com as prospecções para a metrópole desde que a cidade passou a ser escolhida como sede da final da Copa do Mundo de 2014 e dos jogos olímpicos de 2016. Este artigo contribuirá para estimular estudiosos ligados a área de relações públicas, pretendendo lançar novos olhares a um tema tão caro a essa área, inovando as abordagens teóricas e metodológicas.

Palavras-chave

Megaeventos; violência urban; cidade; relações rúblicas; turistas.

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.



1. Introdução

Os grandes eventos fazem parte da história da humanidade. Dos registros mais remotos até os dias de hoje, encontramos dados sobre volumosos ajuntamentos de pessoas em torno de esportes, artes, política, com, obviamente, a ética e a estética próprias de cada época. Para o homem, o prazer de estar junto com seus semelhantes é tão antigo e importante como seu instinto de defesa e sobrevivência. Os teatros de Atenas construídos séculos antes da era cristã já bem demonstravam a relevância do espetáculo na vida dos cidadãos. Entre as atividades mais freqüentadas, os jogos públicos faziam parte desse imaginário no qual a multidão é condição fundamental para a existência do evento. Desses jogos, nasceram na Grécia os concursos atléticos (com disputas de disco, pugilatos, corridas, entre outras) e os concursos musicais e poéticos. Em Roma, por sua vez, ainda antes de Cristo, mas especialmente nos primeiros séculos d.C., os jogos também constituíam parte das celebrações religiosas, aniversários, funerais, e aconteciam em teatros, anfiteatros e circos. Tanto na Grécia como em Roma, o rigor às regras nos jogos era o eixo motor de sua dinâmica, mesmo que muitas vezes seu resultado fosse cruel como no caso de lutas em que o ganhador dependia da morte de seu adversário. Desde então, as cidades abrigam eventos das mais diversas naturezas seja para o lazer, seja para as obrigações de ordem religiosa ou política.

O Rio de Janeiro é um dos importantes palcos de eventos de grande porte em todo o mundo. Pela cidade passam artistas internacionais, campeonatos de diversas modalidades esportivas, além de sediar variados congressos e feiras de diferentes temáticas. O Rio de Janeiro recebe milhares de turistas durante todos os meses do ano, especialmente no réveillon e carnaval. No entanto, a imagem de cidade violenta e perigosa é consolidada pela mídia e se torna uma das primeiras características lembradas por turistas estrangeiros e brasileiros. Curiosamente, esse medo não diminuiu a importância e a grandeza dos megaeventos nela sediados, como pôde ser observado no show dos Rolling Stones, em fevereiro de 2006, em Copacabana. A praia de Copacabana recebeu mais de um milhão de pessoas para assistir ao show sem nenhum caso importante de violência ou agressão. A mídia, contudo, preconizava um quadro de horror e várias matérias foram divulgadas com a intenção de prevenir a platéia sobre a necessidade de estar preparada para o pior. Mas, o pior não aconteceu.



Neste artigo, escolhemos o carnaval e o réveillon para demonstrar como conseguimos identificar a mudança do discurso da violência durante os megaeventos no Rio de Janeiro nas mídias impressas. Utilizamos como fonte de pesquisa os jornais O Globo e o Jornal do Brasil durante o período de dezembro de 2009 e março de 2010. Apresentaremos um breve histórico sobre os megaeventos e as representações da violência urbana nos jornais impressos. O objetivo desse trabalho é analisar o discurso da mídia sobre violência urbana durante os megaeventos.

2. Megaeventos: carnaval e réveillon

O megaevento é produto da modernidade, é produto da cultura de massas e só poderia se arquitetar como tal em meio à nova percepção e experiência do moderno”... “o megaevento, o espetáculo de massa, tem como cenário a cidade moderna... vem compor o espetáculo urbano (Cotrera e Moro, 2008)

O Rio de Janeiro é representado em todo o mundo por uma série de características da ordem do belo e, ao mesmo tempo, por uma variedade de questões ligadas à violência. Reconhecida como uma cidade de festas e com um povo sorridente, o Rio de Janeiro é comumente associado ao réveillon e carnaval. Em ambos, a festa e a violência são dois ingredientes que nutrem narrativas populares e midiáticas antes, durante e depois dos eventos. Para Maffesoli, o “mal” faz parte das noções do “bem”, sendo elementos fundamentais para quaisquer ajuntamentos de pessoas (Maffesoli, 2002, p. 96, 122, 153). A abordagem teórica de Maffesoli se confunde com as representações da violência na mídia carioca. Bem e mal, alegria e dor, vida e morte são alguns dos jargões dicotômicos, e ao mesmo tempo dialéticos, que orientam a produção comunicacional sobre o Rio de Janeiro.

O fermento social proveniente de multidões de pessoas de diferentes procedências e camadas sociais forma o ambiente para uma nova concepção de comunidade e de esfera pública que predomina nos megaeventos. Mas, na verdade, o imaginário comunitário que acontece nesses especiais ambientes públicos favorece o instante vivido, pouco importando o empobrecimento das trocas simbólicas em nível político. De acordo com Malena Contrera e Marcela Moro: “O megaevento é produto da modernidade, é produto da cultura de massas e só poderia se arquitetar como tal em meio à nova percepção e experiência do moderno, que se concebe, em especial, no início do século XX. Enquanto os antigos rituais e festas caracterizavam-se pela sua



ocorrência em meio à comunidade, em meio às aldeias, tribos ou diferentes grupos que se constituíam como base para a sociedade arcaica, o Megaevento, o espetáculo de massa, tem como cenário a cidade moderna e, principalmente, como berço de nascimento – a metrópole e, posteriormente, a megalópole. O megaevento vem compor o espetáculo urbano.”

O réveillon e o carnaval da cidade maravilhosa privilegiam uma impressionante pluralidade de imagens motivando a construção de redes de comunicação nas quais cada ator representa vários personagens ao mesmo tempo. Poderia-se arriscar a falar de um certo "narcisismo coletivo" - *"reconhecemo-nos no outro, a partir do outro"* (Maffesoli, 1990, p. 35) - que se pulveriza entre os públicos do carnaval e do reveillon no Rio de Janeiro, mas, sobretudo, através das máscaras e de todo o "aparatus estheticus" da pós-modernidade.

Apesar de o homem contemporâneo ter se acostumado a perceber o outro através de máquinas (telefone, televisão, Internet) e dentro de novos espaços (shopping centers, condomínios fechados, centros empresariais), ele continua querendo ou precisando viver em contato direto com diferentes pessoas, mesmo que seja de forma efêmera, na qual o espetáculo é um dos elementos ou dos ambientes que as une.

Eventos como o carnaval e o reveillon sugerem uma segunda imagem da cidade do Rio de Janeiro, apenas utilizando a paisagem da praia, das favelas e das montanhas para compor o cenário. Na verdade, durante todo o ano, o cotidiano é estabelecido por notícias de horror que induzem seus habitantes e freqüentadores a se protegerem pelos mais diversos tipos de seguros e de aparatos eletrônicos de vigilância, mudando radicalmente os conceitos de anonimato e individualidade. De alguma forma em períodos de carnaval e também no réveillon, as pessoas retomam as ruas com mais liberdade. Todo o ano cria-se uma expectativa na mídia de que os números de violência serão recordes. No entanto, as estatísticas têm contrariado essa expectativa da mídia, com exceção à violência nas estradas que tem apresentado dados estarrecedores nesses períodos.

3. Rio de Janeiro: cidade espetáculo.

O Rio de Janeiro é mundialmente reconhecido por abrigar anualmente megaeventos que atraem uma infinidade de turistas, que buscam não só a confraternização, mas



também a oportunidade de conhecer as belezas naturais e culturais da cidade. A grande procura pelo Reveillon e Carnaval na cidade movimenta a economia em múltiplos planos, sendo, por isso, um dos carros-chefe da agenda midiática, que parece ter deixado de lado, nos primeiros meses de 2010, o tema violência como prioritário.

Dada a importância dessas confraternizações no imaginário carioca e suas representações na mídia impressa, observamos a mudança no discurso da imprensa no ano de 2010. O tratamento positivo nas matérias jornalísticas teve início desde que o Governo do Estado do Rio de Janeiro iniciou uma política pública de intervenção policial nas favelas, as Unidades de Polícia Pacificadora - logo chamadas de UPPs - tendo como ponto de partida as comunidades próximas à Copacabana, onde ocorre a maior festa de Reveillon do mundo.

Os megaeventos são fatos sociais que, dependendo do grau de importância que corresponderá para a sociedade, entrará para a história da cidade onde foi sediada. Podendo ter aspecto positivo ou negativo. Caso esse megaevento traga desenvolvimento, for efetivamente útil à população, trazer benefícios econômicos locais e não causar danos urbanos terá visibilidade positiva. Porém, nem sempre os megaeventos são corretamente perfeitos e deixam marcas desagradáveis para a população quando, por exemplo, é utilizado o dinheiro público em função do espetáculo midiático, deixando de lado o bem estar da população, que contará com um déficit do dinheiro gasto para a organização do megaevento. Nas duas situações, é importante que a área de relações públicas esteja atenta, não só para poder fincar seus marcos teóricos nessa prática, mas, sobretudo, para contribuir com efetivas estratégias de responsabilidade social de governos e empresas.

É bem verdade que a situação de algumas cidades brasileiras não é a mais confortável no tocante à segurança. É verdade também que o jornalismo policial melhorou muito de qualidade nos últimos anos (Ramos e Paiva, 2007), mas ainda peca por sensacionalizar o crime. Hoje, os casos que envolviam sangue de forma apelativa nas páginas dos jornais deram lugar ao narcotráfico, às chacinas, às organizações criminosas globalizadas e à corrupção da polícia. Há melhor apuração dos episódios, mas não avançamos na correta valorização da violência enquanto notícia em relação aos outros fatos que acontecem na sociedade. O jornal O Globo, por exemplo, ocupa hoje muito mais páginas com essa temática do que o fazia em 1990.



No réveillon e carnaval a cidade recebe milhares de visitantes do mundo inteiro, deixando a cidade mais alegre e movimentada. Cena bem diferente do que acontece durante outros períodos do ano, onde é visto uma cidade em crise, com problemas de desequilíbrio social, violência urbana e trânsito caótico. Apesar desses fatos serem recorrentes na mídia, a cidade e os megaeventos atraem cada vez mais pessoas de diversas partes do mundo. Contudo, a idéia que a mídia desenvolve, da cidade perigosa e violenta, se consolida. Porém, esse fato não torna-se um agravante para a magnitude e o sucesso dos megaeventos, a cada ano aumenta o numero de participantes.

Dessa maneira, conseguimos identificar na análise dos jornais durante o carnaval que a mídia aposta na festa e a representa como mais importante do que os problemas. Os megaeventos são legitimados pela alegria de estar-junto, como diria Maffesoli, que cita comumente o Brasil, em especial o Rio de Janeiro, como laboratórios da pós-modernidade (1990 e 2007) por serem lugares que misturam tradição e efemeridade sem traumas. É claro que a imprensa também está pautada, no caso do carnaval e do réveillon, por interesses políticos e econômicos, principalmente depois do Rio ter sido escolhido sede das Olimpíadas de 2016.

4. Breve análise dos resultados obtidos.

Este artigo é um dos frutos do primeiro ano de trabalho de um grupo de estudos do departamento de Relações Públicas da UERJ que estuda Comunicação e Cidade, dando ênfase em megaeventos e violência urbana. É interessante a análise que obtemos a partir da revisão teórica e clipegem de 2009 e 2010 dos jornais O Globo e Jornal do Brasil: na mudança do discurso midiático em relação à cidade e as valorização dos benefícios que o Rio terá por sediar a Olimpíada e a Copa do mundo. Ao compararmos esse material, ficou clara a diferença no tratamento do discurso jornalístico em relação à violência no réveillon e no carnaval do Rio de Janeiro.

O ponto a ser levado em consideração é o interesse de caráter político e econômico decorrente da escolha da cidade como sede da final da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Ao compararmos as matérias dos jornais O Globo e Jornal do Brasil do réveillon da passagem de 2008/2009 com aquelas de 2009/2010 notamos a clara diferença no teor das narrativas. O mesmo foi percebido nos carnavais de 2009 e 2010. Em vez de títulos como “Mais violência contra turistas” (O Globo, 20/02/2009) ou “Violência atravessa o samba” (JB, 20/02/2009), encontramos



abordagens de outras naturezas: “Bloco bate recorde de público” e “Vende-se uma vaga de madrinha da bateria. A combinar” (O Globo, 14/02/2010). No estudo do clipping dos jornais, a equipe de pesquisadores detectou a abordagem em um ano priorizando a violência urbana e a abordagem no ano seguinte valorizando a alegria nas ruas em uma cidade menos violenta.

Como percebido no réveillon de 2009/2010, os jornais O globo e Jornal do Brasil elegeram como pauta a pacificação dos morros da zona sul do Rio e as tragédias decorrentes do excesso de chuvas em Angra dos Reis e outras cidades do país, em vez de abordar a violência. Pelo registro desses veículos, uma leitura possível seria que não houve violência na cidade na noite da passagem do ano.

Os dois jornais utilizados neste artigo publicaram, durante o Carnaval de 2010, cadernos especiais sobre o evento, com a proposta de cobrir a programação, explicar os enredos das Escolas de Samba e dar dicas de como chegar aos lugares. O assunto violência não fez parte desse repertório. Também percebemos que esse assunto, tão cultuado pela mídia impressa carioca, tampouco foi devidamente contemplado no restante do jornal, sobretudo nos espaços em que costuma ser pauta de várias matérias, como a primeira página e o caderno ou editoria de Cidade. Por ser tratar de um megaevento, é natural que ele seja o assunto principal, especialmente em uma festa que leva vários dias seguidos, como o carnaval, mas as mudanças das narrativas em relação à violência foram bastante significativas.



Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. Globalização, as conseqüências humanas. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
- _____. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
- _____. Em busca da política. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- _____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- _____. Medo líquido. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995.
- _____. Culturas híbridas. São Paulo, EDUSP, 1997.
- CONTRERA, Malena e MORO, Marcela. “Vertigem mediática nos megaeventos musicais”. In: Revista da Compós. Brasília, E-compós, v. 11, jan/abr. 2008.
- _____. Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo, Annablume, 2002.
- DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- KUNSCH, Margarida (org). Obtendo resultados com relações públicas. São Paulo, Pioneira, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. A parte do diabo : resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- _____. O ritmo da vida : variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- SOARES, Luis Eduardo. Violência e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998